

A correspondência na gênese de revistas literárias – o caso da *Revista de Antropofagia*

Ana Maria Formoso Cardoso e Silva¹

Resumo

Este artigo aborda a participação da correspondência na dinâmica de produção de uma revista literária. A partir do entendimento de que as relações de sociabilidade fazem parte da estrutura de sustentação desse tipo de periódico e influem em sua composição, as cartas, que preservam amostra significativa dessas relações, são vistas como elementos imprescindíveis para um estudo genético dessas publicações. A fim de se mostrar que tal estudo requer a percepção da sociabilidade particular constituída ao redor de cada revista literária, mais do que a compreensão isolada do processo de criação de cada texto que a compõe, são analisadas cartas referentes à *Revista de Antropofagia* nas suas duas fases. Quanto à primeira, destaca-se a dissonância no modo como seu diretor e seu gerente demonstram interpretar o projeto que conduzem. Quanto à segunda, focaliza-se o caso da deglutição de algumas cartas, que se transformam em matéria incorporada ao periódico mesmo quando não enviadas como colaboração.

Palavras-chave: Cartas. Revistas literárias. Modernismo. *Revista de Antropofagia*. Sociabilidade literária.

Abstract

This article concerns the role of correspondence in the production dynamics of a literary magazine. Letters are essential for the genetic study of this type of periodical since they preserve a meaningful sample of the sociability as it participates on the support structure and it influences the composition. To demonstrate that such a study requires the perception of a specific sociability that surrounds a literary magazine – more than an isolated understanding of the creation process of each text that composes it – we analyze letters that refer to two moments of the Brazilian magazine *Revista de Antropofagia*. Regarding the first moment, we emphasize the dissonance in the way the director and the manager seem to interpret the purpose of the publication. Regarding the second moment, we focus on the case of the swallow of those letters, which are incorporated to the magazine even when they are not meant to be contributions to it.

Keywords: Letters. Literary magazines. Modernism. *Revista de Antropofagia*. Literary sociability.

Revista de
Crítica Genética
ISSN 2596-2477

N. 50 • 2023

Submetido:
01/07/2023

Aceito:
11/09/2023

¹ Doutora em Teoria e História Literária pelo IEL-UNICAMP e pós-doutora pelo IEB-USP. E-mail: anamfcesilva@gmail.com.

É comum que revistas literárias participem dos estudos genéticos enquanto fontes de pesquisa, quando se visa constituir o prototexto de poemas, contos ou romances que tiveram nelas registradas etapas de suas trajetórias escriturais. Incomum é abordar o processo de criação dessas publicações coletivas como unidades que são. Seu aspecto compósito e a pluralidade de autores, por exemplo, requerem a adaptação do instrumental da genética literária, a princípio desenvolvido para lidar com os percursos da escrita de um texto concebido individualmente. Com efeito, a crítica genética tem buscado ampliar continuamente seu aparato teórico e metodológico ao se propor desafios na área da literatura, como a análise da escrita em dupla ou da escrita de ficções seriais, ou ao se aprofundar em áreas que envolvem equipes de criação e execução, como a arquitetura, o teatro e o cinema². Contudo, o estudo das revistas literárias como obras tomadas no seu todo ainda tem se reservado mais a ramos como história da literatura ou literatura comparada, para os quais, no entanto, elas não deixam de se apresentar como objetos complexos. Um exemplo é o projeto iniciado sob a orientação de José Aderaldo Castello, a partir de fins dos anos 1960, na Universidade de São Paulo, com a finalidade de resgatar o conteúdo de periódicos brasileiros, especialmente modernistas, e contextualizá-los historicamente. Trata-se de um roteiro básico³ que procurou contemplar sua composição multifacetada, além das particularidades de cada revista e como motivaram ângulos de análise variados.

Vale notar que, qualquer que seja o enfoque adotado, para que haja uma apreensão mais profunda da complexidade vislumbrada na superfície das revistas literárias, é indispensável compreendê-las enquanto produções coletivas centradas na defesa de ideias e como vetores resultantes de um sistema de forças – mais do que a mera justaposição de seus textos e peritextos. No que concerne aos estudos de gênese, isso significa que não seria suficiente examinar isoladamente o processo de criação de cada uma dessas partes sem considerar o percurso que as colocou em conjunção, o que impõe o entendimento da dinâmica que rege esse tipo de publicação. Ao refletir sobre essa dinâmica, Paul Aron, estudioso da literatura belga, avalia a escala de forças envolvidas:

Ao contrário do livro ou de uma editora, que demandam um capital material considerável, a publicação de uma revista exige, sobretudo, um espaço social que seja, ao mesmo tempo, o ponto de origem e o destinatário da revista. Essa forma de publicação permite, portanto, um estudo de grupo, a construção de uma sociabilidade particular, ligada aos redatores, aos patrocinadores, aos compradores ou aos assinantes. A sociabilidade oferece o meio

2 Esses tópicos foram discutidos com destaque nos seguintes números da revista *Genesis*, respectivamente: 41 (Créer à plusieurs mains – Paris: PUPS, SIGALES, 2015), 54 (Écrire à la chaîne – Paris: PUPS, SIGALES, 2022), 14 (Architecture – Paris: CCA, Jean Michel Place, 2000), 26 (Théâtre – Paris: Imec, Jean Michel Place, 2005) e 28 (Cinéma – Paris: Jean Michel Place, 2007).

3 Cf. SILVA, Margaret Abdulmassih Wood da. O projeto de estudo de periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. **Revista do IEB**, São Paulo, n. 21, p. 117-122, 1979.

para imergir na concretude das redes que enquadram a publicação periódica; ela faz desta um lugar de observação privilegiado das conexões entre escolhas estéticas e grupos sociais.⁴

O papel fundamental atribuído às redes de sociabilidade literária na constituição desses periódicos leva Aron a associá-las ao que chama de “capital relacional”, expressão cunhada a partir dos conceitos de “capital social” e “capital simbólico” do sociólogo Pierre Bourdieu. No entanto, o “capital relacional” se distingue destes últimos por sua mobilização em “instituições frágeis”⁵, tal como classifica a literatura belga, devido à baixa profissionalização e ao baixo prestígio do escritor, somados à cooptação política e ideológica de instâncias de produção e a consagração literária⁶. Em tal contexto, segundo Aron, resta ao intelectual, carente de significativos recursos que possam lhe garantir contatos e reconhecimento – ou seja, desprovido de capital social e simbólico suficiente – recorrer ao seu capital relacional, definido como “a capacidade maior ou menor que um agente possui de utilizar seus laços (de amizade, de cumplicidade, de proximidade ideológica, etc.) com vistas a produzir determinados efeitos”⁷. Trata-se, em tese, de um expediente mais autônomo em relação à posse de outros capitais⁸ e, portanto, mais acessível aos que, na luta por se estabelecerem no campo literário, deparam-se, entre tantos confrontos, com as próprias deficiências deste.

-
- 4 Tradução nossa, do original: « Contrairement au livre ou à une maison d'édition, qui demandent un capital matériel important, la publication d'une revue exige avant tout un espace social qui est à la fois le point d'origine et le destinataire de la revue. Ce mode de publication permet donc une étude de groupe, la construction d'une sociabilité particulière, liée au comité de rédaction, au comité de patronage, aux acheteurs ou aux abonnés. La sociabilité offre le moyen de plonger dans le concret des réseaux qui encadrent la publication périodique ; elle en fait un lieu d'observation privilégié des relais entre choix esthétiques et groupes sociaux. » Cf. ARON, Paul. *Les revues littéraires : histoire et problématique*. **CONTEXTES**, n. 4, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/contextes/3813>. Acesso em: 9 ago. 2018.
- 5 *Ibidem*. O conceito foi inicialmente mencionado em: ARON, Paul; DENIS, Benoît. Introduction. *Réseaux et institution faible*. In: DE MARNEFFE, Daphné; DENIS, Benoît (ed.). **Les réseaux littéraires**. Bruxelles: Le Cri-CIEL-ULB-ULg, 2006. p. 7-18. Disponível em: <https://books.openedition.org/enseditions/2283>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- 6 ARON; DENIS, op. cit.
- 7 Tradução nossa, do original: « [...] la capacité plus ou moins grande que possède un agent d'utiliser ses liens (d'amitié, de connivence, de proximité idéologique etc.) en vue de produire certains effets » . *Ibidem*.
- 8 Bourdieu pontua a relação de dependência entre os tipos de capital em alguns trechos de sua obra. Quanto ao capital social, ressalta que, “embora seja relativamente irreduzível ao capital econômico e cultural possuído por um agente determinado ou mesmo pelo conjunto de agentes a quem está ligado (como bem se vê no caso do novo rico), o capital social não é jamais completamente independente deles pelo fato de que as trocas que instituem o reconhecimento supõem o reconhecimento de um mínimo de homogeneidade ‘objetiva’ e de que ele exerce um efeito multiplicador sobre o capital possuído com exclusividade” (BOURDIEU, Pierre. *O capital social – notas provisórias*. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Seleção, organização, introdução e notas Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 67. Grifo nosso.). Quanto ao capital simbólico, a relação é inerente ao seu próprio conceito: “forma de que se revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas” (BOURDIEU, Pierre. *Espaço social e poder simbólico*. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 154).

Não é difícil ver sentido no conceito proposto por Aron quando se levantam documentos relacionados ao processo de criação de uma revista literária, em especial a correspondência, que preserva traços preciosos para a apreensão da “sociabilidade particular” fomentada pelo periódico ao mesmo tempo em que o fomenta. Pode-se dizer que as cartas colocam em circulação o capital relacional dos animadores e apoiadores da publicação, sendo essa operação particularmente relevante nos casos em que a revista literária divulga uma tendência nascente, cujos defensores ainda precisam fortalecer os laços que mantêm entre si e reconhecer as feições do grupo em formação, a fim de consolidarem a rede da qual participam⁹. É o que se verifica em relação às primeiras revistas modernistas brasileiras. Criadas num contexto bastante semelhante ao mencionado por Aron, elas impulsionaram intelectuais separados pela distância a buscarem na comunicação postal uma forma de contato mais constante do que ocasionais encontros presenciais. Tal fenômeno é ilustrado, por exemplo, com o nascimento da correspondência de Mário de Andrade com Manuel Bandeira, logo após o lançamento de *Klaxon*; ou com Prudente de Moraes Neto durante a preparação do primeiro número de *Estética*; ou ainda com Rosário Fusco em razão do surgimento de *Verde*. Junto às declarações e ofertas de amizade que acompanharam essas três estreias de parcerias epistolares, não faltou o lado mais prático do exercício da sociabilidade, expresso no envio ou na solicitação de textos que dariam corpo aos periódicos¹⁰.

Dentre os efeitos produzidos pela ativação do capital relacional, através das centenas de cartas referentes às revistas modernistas brasileiras, esse trânsito de colaborações via postal é um dos mais habituais e tem grande interesse para o estudo da gênese desses impressos. Isso se explica seja porque as missivas permitem compreender as circunstâncias em que se deu a integração de matérias ao conjunto, seja porque registram possíveis alterações entre um manuscrito enviado e um texto publicado, por vezes motivadas por falhas na diagramação ou na revisão, mas também por decisões do autor e/ou do editor. Nessas situações, além da análise de etapas redacionais de um texto, as cartas possibilitam mostrar se as modificações afetaram (negativa ou positivamente) a dinâmica de relações subjacente à configuração física de um periódico, devido ao contexto que revelam.

9 Nesse sentido, é possível dizer que estão se criando condições para a sedimentação do capital social, fundado na “vinculação a um grupo”, na “posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento”, de acordo com Pierre Bourdieu (2007, p. 67. Grifos do autor.).

10 Manuel Bandeira inaugura a correspondência com Mário de Andrade a 25 de maio de 1922, enviando para *Klaxon* o poema “Bonheur lyrique” (MORAES, Marcos Antonio de (org.). **Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp, IEB, 2001. p. 59-60), incorporado no terceiro número do periódico, de 15 de julho de 1922. Em 1924, é Mário, por sua vez, que principia o diálogo epistolar com Prudente de Moraes Neto, em carta que acompanha o poema “Danças” (KOIFMAN, Georgina (org.). **Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto, 1924-1936**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 25.), surgido no primeiro número de *Estética*. Rosário Fusco, apresentando-se ao autor de *Pauliceia desvairada* em carta de 25 de setembro de 1927, não faz rodeios para pedir-lhe colaboração para *Verde* (MENEZES, Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de. **Amizade “carteadeira”**: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases. Tese (Doutorado em Literatura) – FFLCH/USP. São Paulo, 2013. p. 22-23.), no que é atendido com a participação constante de Mário ao longo da existência da revista.

Assim, por exemplo, a ausência de Rui Ribeiro Couto dos dois últimos números de *Klaxon* pode ser explicada pela recusa de participação em razão da descaracterização gráfica de seus poemas no periódico¹¹, conforme declara em carta a Mário de Andrade¹². De modo diferente, os acréscimos propostos por Mário ao artigo remetido por Luís da Câmara Cascudo para o terceiro número da *Revista Nova*¹³ são recebidos como demonstração de fraternidade, criando oportunidade para o autor reafirmar a autorização prévia para futuras intervenções¹⁴ – o que serve de alerta aos geneticistas sobre eventuais casos de autoria irrestrita em textos com assinatura única¹⁵.

Outros diversos efeitos gerados pelos laços mobilizados na correspondência ainda podem ser citados, como o aproveitamento de informações ou discussões que antes circularam no ambiente epistolar¹⁶ em matérias. Além disso, pode-se observar a administração de conflitos internos com potencial prejuízo para o grupo responsável pela revista¹⁷ ou o atendimento a pedidos de auxílio na execução de funções (divulgação, intermediação de contatos etc.)¹⁸. Visíveis ou não na superfície

-
- 11 “Ordem e progresso” (*Klaxon*. São Paulo, n. 3, p. 7, 15 jul. 1922) e “Cinema de arrabalde” (*Klaxon*. São Paulo, n. 6, p. 4, 15 out. 1922).
- 12 Carta datada de 12 de novembro de 1922, pertencente ao Fundo Mário de Andrade do Arquivo do IEB-USP.
- 13 Carta datada de 14 de agosto de 1931. MORAES, Marcos Antonio de (org.). **Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944**. São Paulo: Global, 2010. p. 215.
- 14 Carta datada de 26 de agosto de 1931 (ibidem, p. 216).
- 15 Cf. DONIN, Nicolas; FERRER, Daniel. Auteur(s) et acteurs de la genèse. **Genesis** (Manuscrits – Recherche – Invention). Revue Internationale de Critique Génétique. Paris: PUPS, SIGALES, n. 41, p. 7-26, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/genesis/1440>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- 16 Um caso bastante ilustrativo é o das informações sobre a vida literária no Rio de Janeiro, transmitidas por Sérgio Buarque de Holanda a Mário de Andrade e usadas por este como munição para as críticas redigidas para a coluna “Luzes e refrações”, de *Klaxon*. (Cf. MONTEIRO, Pedro Meira (org.). *Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda: correspondência*. São Paulo: Companhia das Letras, IEB, Edusp, 2012.)
- 17 A cautela relativa à participação de Oswald de Andrade em *Estética*, pela ruptura deste com Graça Aranha, e à publicação de resenha contendo reservas aos *Estudos Brasileiros* de Ronald de Carvalho, assinada pelos jovens diretores da revista, Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda, fica bastante evidente na correspondência de Mário de Andrade entre fins de 1924 e meados de 1925, sobretudo com Prudente (KOIFMAN, op. cit.), Bandeira (MORAES, 2001) e Renato Almeida (cf. NOGUEIRA, Maria Guadalupe Pessoa. **Edição anotada da Correspondência Mário de Andrade e Renato de Almeida**. Dissertação (Mestrado) – FFLCH/USP São Paulo, 2003). O gerenciamento das polêmicas, eloquente nas missivas, permitiu manter discrição nas páginas do periódico.
- 18 A primeira carta enviada por Antônio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes Neto, em 31 de dezembro de 1925, nomeando-o representante de Terra Roxa e Outras Terras no Rio de Janeiro e atribuindo-lhe uma série de funções (“Vejas os anúncios, etc. As assinaturas, etc. O conto, etc. A propaganda, etc. A colaboração, etc. Os endereços, etc. o Sérgio, etc.”), é um bom exemplo dos inúmeros pedidos que a camaradagem modernista ensejava (MACHADO, Antônio de Alcântara. **Pressão afetiva & aquecimento intelectual: cartas de Antonio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto (1925-1932)**. Org. Cecília de Lara. São Paulo: Giordano, Lemos, EDUC, 1997. p. 29-30). O desenrolar da correspondência indica que, ao menos em parte, as atribuições foram cumpridas.

de um periódico, tais efeitos concorrem para a sua fatura, influenciando na composição dos textos, na distribuição da matéria ou mesmo na continuidade ou decisão de interrupção da publicação. Porém, mais do que fazer um inventário das formas habituais pelas quais a sociabilidade cultivada nas cartas se manifesta no processo de criação das revistas literárias, é importante ressaltar que dinâmicas de interação específicas são criadas no universo multidialógico em que se insere cada uma dessas publicações.

A fim de ilustrar tais especificidades, são comentadas, a seguir, algumas cartas que acompanharam a criação e as transformações da *Revista de Antropofagia* e que podem oferecer chaves para se compreender aspectos da sua gênese.

* * *

Lançada em maio de 1928, a *Revista de Antropofagia* surgiu em um cenário em que intelectuais modernistas já haviam adquirido alguma experiência sobre o funcionamento de periódicos de vanguarda e consolidado, em grande parte, suas relações no campo literário. Nesse processo, divergências internas ao movimento também já haviam se pronunciado, gerando rupturas ou estremecimentos nas amizades. Oswald de Andrade, conhecido por sua irreverência, não raro lançava-se aos debates, instigando a tomada de posições, e foi provavelmente esta a sua intenção ao idealizar uma revista cujo nome se inspirava no seu “Manifesto Antropófago”, que não deixa dúvidas quanto à oposição a todas as convenções (culturais, sociais, religiosas) que oprimem a natureza humana. Para a direção do periódico, foi escolhido Antônio de Alcântara Machado, mais disciplinado nos negócios e com menos inimizades no currículo do que Oswald. Suas boas relações no meio cultural o tornavam a figura mais adequada para aplacar a rejeição prevista à empreitada e, de fato, sua correspondência documenta um esforço nesse sentido.

Na carta que envia a Paulo Prado em 30 de abril de 1928, Machado se esmera no uso do seu capital relacional ao argumentar, em tom amigável, polido e didático, que era enganosa a suposição de que a publicação seria “o órgão de um movimento cuja bandeira é o manifesto do Oswald”¹⁹. A ideia, segundo soubera Machado, não agradava o interlocutor, grande entusiasta e apoiador material dos projetos modernistas, mas a quem já incomodavam as provocações do poeta paulista. Com vistas a garantir que sua direção não guiaria a revista rumo ao radicalismo, o missivista relembra o intuito com que a assumiu:

Quando eu fui procurando²⁰ pelo nosso truculento amigo para tratarmos da fundação da revista (cujo título êle já tinha) eu aprovei a ideia da revista. Só. E aceitei sua direção nesta base: ela seria

19 HOLANDA, Irene Paris Buarque de (org.). **Cartas da Biblioteca Guita e José Mindlin**. São Paulo: Terceiro Nome, 2008. p. 121.

20 Esta citação segue a transcrição feita na obra consultada, sem correções gramaticais e atualizações ortográficas. O mesmo vale para as demais citações da obra.

de antropofagia no sentido de aceitação de tudo, campo de combate de todas as oposições, escoadouro de todas as águas. Porque me parece que a experiência moderna no Brasil (como lá fora) chegou ao período da depuração. [...]

Essa depuração nós não faremos. Mas no nosso mensário quem quiser faze-la encontrará os dados necessários. Ou ela se fará naturalmente.

A revista portanto não tem espírito antropófago: tem uma função antropofágica. O que é muito diverso.²¹

Escrita pouco antes do lançamento da *Revista de Antropofagia*, a carta testemunha não só uma circunstância da criação do periódico, mas, sobretudo, o tenso equilíbrio entre as posições dos principais intelectuais à sua frente. A negociação de congruência entre motivações diversas, forjada por um alargamento do sentido do título, que o descolava da sua inspiração original, é sintoma de um contexto em que as relações de sociabilidade ao redor da revista não se davam, mormente, por uma luta em comum, como geralmente ocorre com periódicos de vanguarda. Aliás, Machado parece não ver razões para essa classificação quando julga “superficial” a produção literária contemporânea: “Pois poeminhas e continhos não ficam bem num mensário imponente. Daí a rasão de um jornalsinho como a *Revista de Antropofagia*.”²². Tanto o formato assim justificado quanto os indícios de distanciamento entre os propósitos dos intelectuais são elementos relevantes a se atentar no estudo genético da revista, a fim de se avaliar o quanto influíram em aspectos da sua configuração, como a presença de peças literárias curtas ou certa falta de coesão entre elas, como se compusessem uma coletânea.

É certo que poderia se cogitar relativizar o teor e a forma de expressão da missiva, considerando-se o desafio de persuadir um interlocutor de relevo no campo cultural em prol de uma recepção mais favorável à continuidade da publicação seriada prestes a vir a lume. Porém, a transcrição, na carta, do texto que seria publicado como “Nota insistente” ao final do número inaugural, reafirmando que o periódico não tinha “orientação ou pensamento de espécie alguma”²³, comprova o projeto de neutralidade²⁴ que o pautaria naquele momento.

Quanto a essa nota, oferecida à leitura prévia de Paulo Prado, seu interesse para um estudo genético repousa menos no cotejo entre a transcrição manuscrita e o texto publicado do que na definição de sua autoria. Ao passo que a *Revista de Antropofagia* une as iniciais do gerente, Raul Bopp, às de Machado na subscrição, a carta traz a primeira pessoa do singular para atribuir a elocução ao missivista (“E

21 HOLANDA, op. cit., p. 121.

22 Ibidem, p. 122.

23 Ibidem, p. 122.

24 Vale notar que tal proposta seria retomada na *Revista Nova*, em que Machado também figuraria como diretor, junto a Mário de Andrade e Paulo Prado.

repito na seguinte Nota insistente [...]”²⁵), sem qualquer menção à coautoria, como que confirmando a prevalência da vontade do diretor, sinalizada no próprio relato da negociação com Oswald. A hipótese, até onde se sabe, não é contrariada em cartas de Bopp, já que não se referem à nota. Ao escrever ao poeta gaúcho Augusto Meyer em 3 de maio de 1928, ele se limita a dizer: “Pessoal quer coisa de toda parte”²⁶, sem dar destaque à discussão do programa. Pelo contrário, seu entusiasmo se volta à atuação de Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral:

Poeta, esses dias vou te mandar a revista de Antropofagia – É uma invenção do Osvaldo Andrade e Alcantara Machado

revista [ilegível²⁷], de 8 pag, e com o manifesto antropófago – Tupy or not Tupy.

Collaboracao – Mario, Guilherme, Menotti, Plinio, direcao Alcantara Machado – deve sahi sábado ou segunda –

O Osvaldo vae pra Europa terça e quer levar pra pregar o evangelho lá com a Tarsilla – Tarsilla leva os quadros fabulosos, de um delles o Antropofago vou te mandar o desenho, que sahirá na revista, (anno 384 é da deglutição do Bispo 1º Sardinha) –

[...]

A Tarsila está fabulosa

[...] As cores estão pulando fora dos quadros.²⁸

A simpatia pela tendência encabeçada pelo casal antropófago reforça a sugestão de que a assinatura de Bopp na “Nota insistente” represente apenas aquiescência ao acordo entre Oswald e Machado para que o projeto pudesse ser executado.

Apesar da suposta afinidade de visões indicada pela junção das assinaturas na revista, as cartas do diretor e do gerente apresentam modos diferentes de viver e ver a sociabilidade do grupo inicialmente envolvido com o periódico. Bopp, ao escrever a Meyer, em data provavelmente anterior à publicação da revista, retrata a coesão do grupo em função do interesse na antropofagia cultural: “Estamos aqui com a antropofagia em altos brados. Todas as noites a conversa entra pela madrugada, tratando da excavação Índia [...]. Ha dias.”²⁹. A primeira pessoa do plural o junta a Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, cuja amizade destaca, circulando a frase: “esse pessoal é muito unido”. Segue-se a exposição do

25 HOLANDA, op. cit., p. 121.

26 Carta pertencente ao Fundo Augusto Meyer da Fundação Casa de Rui Barbosa.

27 Possivelmente, “besta”.

28 Carta pertencente ao Fundo Augusto Meyer da Fundação Casa de Rui Barbosa. A transcrição manteve a grafia presente no manuscrito. O mesmo procedimento se estende à transcrição dos demais manuscritos.

29 Carta pertencente ao Fundo Augusto Meyer da Fundação Casa de Rui Barbosa.

plano de confeccionarem uma bíblia tupi, cuja divisão entre Antigo e Novo Testamento seria definida pela data de chegada dos colonizadores à América, que coincidiria com o nascimento de Macunaíma, personagem de Mário de Andrade que apareceria brevemente em livro. O detalhamento do plano, com uma espécie de sinopse da narrativa “bíblica”, estende-se por páginas, não sem o apelo à ajuda do destinatário (“você me mande tudo o que encontrar nesse sentido”). Com a revista em atividade, outras cartas dirigidas a Meyer (correspondente dileto de Bopp, por conseguir decifrar sua letra) levam pedidos de colaboração a uma série de amigos intelectuais sul-rio-grandenses, às vezes requerendo trabalhos específicos, a fim integrá-los ao grupo antropófago. A própria persistência dessas solicitações parece uma forma de concretizar, no corpo da correspondência, essa participação coletiva desejada. Nesse sentido, pode-se dizer que o espaço epistolar torna-se, assim, quando não uma espécie de laboratório, como observa José-Luis Diaz³⁰, uma espécie de escritório que administra a construção do periódico.

Por outro lado, a correspondência de Alcântara Machado sobre a *Revista de Antropofagia* não revela ânimo tão intenso na conclamação aos colaboradores, por certa contenção no uso de seu capital relacional. Muitas vezes escrevendo aos amigos em estilo telegráfico, bastante diferente do usado com Paulo Prado, insere as solicitações em frases curtas, em meio a outras questões. Nos raros casos em que se estende um pouco mais, evocando a amizade como argumento, a relação entre esta e o projeto da revista não se faz perceber, como em carta a Rodrigo Melo Franco de Andrade, de 1º de novembro de 1928: “Mande qualquer colaboração para a Antropófaga. Ou bem que se é camarada ou bem que se não é.”³¹. A Prudente de Moraes Neto, em 31 de dezembro do mesmo ano, chega a esboçar uma causa ligada genericamente à literatura, consoante a sua larga proposta editorial: “Pelo amor da literatura. Mande cousas. A miséria é grande. Preciso de você para persistir. Do contrário, mando a revista às favas.”³².

Essa diferença entre as formas de se mobilizar a sociabilidade através das cartas, mesmo que não possa ser tomada como a causa da ruptura que viria a acontecer entre os intelectuais ligados ao periódico, deixa transparecer a falta de sintonia entre as motivações, renunciando o conflito. As cartas de Bopp a Meyer, pela efusividade e camaradagem de que se revestem, assemelham-se à correspondência relativa à *Klaxon*, primeiro veículo de divulgação do modernismo, cuja sustentação muito se deveu à busca de expansão e fortalecimento dos vínculos entre os intelectuais, ou seja, ao investimento no seu capital relacional, num momento em que se procurava afinar as sensibilidades estéticas. O relativo abatimento na comunicação epistolar de Alcântara Machado a respeito da *Revista de Antropofagia*, por sua vez, segue uma tendência verificada na correspondência de outros modernistas, que não demonstravam envolver-se com ela do modo como haviam feito em relação a outros periódicos. Na extensa correspondência de Mário de An-

30 DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. **Manuscrita**. Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 15, p. 122, 2007.

31 Carta pertencente ao Fundo Antônio de Alcântara Machado do Arquivo do IEB-USP.

32 MACHADO, 1997, p. 117.

drade, por exemplo, não são muitas as referências à revista, mesmo na sua primeira fase, quando a apoiava, o que denota que ele não se fez divulgador do projeto, diferentemente de como havia se portado com *Klaxon*, ou ainda com *Estética* e *Terra Roxa*, em que, a despeito de não ocupar funções de comando, teve participação em várias discussões e na conquista de colaborações. Também é expressiva a confiança de Manuel Bandeira ao autor de *Macunaíma*, de que só enviara o poema “Noturno da rua da Lapa” a Machado como forma de compensá-lo pela crítica que fizera ao seu livro *Laranja da China*³³. Dessa maneira, o interesse afetivo teria se sobreposto ao desinteresse intelectual, o que também parece ser o caso da ligação de Mário de Andrade com o periódico naquele momento.

É certo que as cartas não cobrem todo o universo multidialógico em que se inscreve um periódico, mesmo porque agentes fundamentais para sua criação podem não ter deixado rastros epistolares significativos, como é o caso de Oswald de Andrade – correspondente relapso que, permanecendo na Europa por alguns meses durante a gestão de Machado, esteve distante da confecção do veículo que concebera para divulgar o movimento antropofágico. Porém, também é certo que a comunicação postal concernente à *Revista de Antropofagia* representa uma relevante amostra desse universo, capaz de sinalizar que a sociabilidade particular constituída ao redor do periódico apresenta uma dinâmica marcada por comportamentos dissonantes no que se refere às expectativas a serem atendidas, à dedicação ao seu sucesso e ao interesse em debater a antropofagia cultural. Dessa forma, compreender as especificidades dessa dinâmica contribui para o entendimento de traços da constituição genética dessa obra coletiva, como o percurso de colaborações vindas do Rio Grande do Sul (agenciadas por Bopp), a relativa desagregação estética entre os textos ou mesmo a “miséria” destes, de que se queixa Alcântara Machado, a qual talvez explique a presença de espaços ociosos em uma publicação de pequeno porte.

Além de prestarem seu testemunho quanto ao processo de criação de uma revista, as cartas também interessam aos estudos genéticos, inclusive de forma mais evidente, quando se transformam em matéria publicada. Mesmo nos casos em que as alterações geradas pela edição são nulas ou pouco significativas, tornando menos intrigante o cotejo de versões, elas se mantêm sendo objetos de análise relevantes do ponto de vista genético, seja porque geralmente é possível determinar como se converteram em partes de uma obra coletiva voltada ao debate de ideias, seja porque podem originar outros conteúdos. Nessas situações, sua capacidade de revelar aspectos das relações atinentes a correspondentes ligados a um periódico ganha função no próprio corpo deste. À vista disso, em se tratando da *Revista de Antropofagia*, marcada por tensões e ruidosa ruptura que a divide em duas fases, ou dentições, importa analisar os papéis que cartas publicadas exerceram em cada um desses momentos, particularmente quando abordam questões relacionadas ao periódico.

Considerando o grande volume de cartas que passa pela redação de uma publicação seriada, vale lembrar, antes de tudo, que um dos motivos pelos quais são,

33 Carta datada de 24 de julho de 1928. MORAES, 2001, p. 397.

em geral, poucas as que nela são estampadas é o pacto de privacidade implícito entre os parceiros epistolares. Assim se entendem as reservas éticas que fazem Raul Bopp impedir que uma carta recebida de Augusto Meyer seja levada para a esfera pública por Oswald de Andrade: “Queria publicar a tua carta na revista (aquella tua carta cretina) gozou fabulosamente – Alcântara estava de acordo – Eu é que não deixei que ella fosse ‘engulida’”³⁴. É curioso notar que a mesma carta indica procedimento diferente quanto ao poema “Resolana”, cuja publicação Bopp comunica ao amigo sem maiores explicações: “Pessoal quer coisa de toda parte – pus o teu *resolana*³⁵ (formidável)”. É possível que, neste último caso, houvesse uma espécie de autorização prévia, mas não são incomuns os casos em que um amigo literário toma a liberdade de divulgar o texto de outro sem chancela específica para isso. Com as cartas, porém, sinais claros de permissão são pressupostos como necessários.

A carta de Manuel Bandeira a Alcântara Machado, estampada no terceiro número da primeira denteção da *Revista de Antropofagia*, traz no próprio título – “Convite aos antropófagos” – a indicação de que não fora redigida exclusivamente para leitura particular, seja porque esse elemento que nomeia o texto não é típico da correspondência privada, seja porque evoca um receptor plural, apesar do vocativo singular que o sucede (“Meu caro Antônio de Alcântara Machado”³⁶). Aberta ao público, ainda que abarcando no pronome “vocês” os responsáveis pela composição dos números anteriores, a missiva mostra ter saído do punho de um conviva exigente quanto à coerência e à qualidade do cardápio, que imaginava mais bem fornido para apetites vorazes; denuncia, assim, a dissonância entre a proposta antropofágica e conteúdos de pouca “aferração mental”. Nesse sentido, a origem da carta se encontra no próprio periódico, fruto da leitura crítica dos números iniciais. Dessa forma, como uma carta de leitor, seu lugar mais apropriado é a própria revista. Além disso, Bandeira leva colaboração relacionada ao seu julgamento, ao oferecer como repasto o crítico musical Arthur Imbassahy, de quem transcreve crônica repleta de afetação retórica. O fato de a avaliação quanto aos rumos do mensário não ter produzido reações visíveis dos demais comensais parece confirmar o ponto de vista do poeta pernambucano quanto à falta de apetite dos colegas, indicando uma característica do modo de se processar a construção do periódico na sua primeira fase, com diferenças se justapondo – e não oposições se enfrentando, como prometia Machado no texto de abertura³⁷.

Em direção contrária, a mudança drástica na forma de compor a revista, a fim de torná-la exclusivamente órgão de divulgação do movimento cultural antropofágico, viria a ressaltar a fome dos seus apoiadores – os que restariam, já que a radicalização, ao produzir ataques agressivos a qualquer sinal de oposição, afastaria

34 Carta a Augusto Meyer datada de 3 de maio [de 1928], pertencente ao Fundo Augusto Meyer da Fundação Casa de Rui Barbosa.

35 Sublinhado no original.

36 BANDEIRA, Manuel. Convite aos antropófagos. *Revista de Antropofagia*. São Paulo, ano 1, n. 3, p. 3, jul. 1928.

37 MACHADO, Antônio de Alcântara. Abre-alas. *Revista de Antropofagia*. São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, maio 1928.

vários dos antigos colaboradores, como Machado e Mário de Andrade. Em sua nova configuração, ocupando uma única página do *Diário de S. Paulo* e com periodicidade semanal, a revista procura demonstrar agilidade na repercussão de fatos da vida cultural na qual procurava se inserir, o que envolvia o tratamento dado à correspondência. O correio era usado para convocar potenciais adeptos em diversos estados brasileiros, pedindo-lhes a publicação, em jornais locais, do material antropofágico remetido a eles, além da fundação de clubes representantes da nova corrente. As respostas recebidas em telegramas ou cartas, positivas ou negativas, passavam a figurar na *Revista de Antropofagia*, aumentando em volume seu conteúdo. A deglutição, portanto, passava a atingir também a correspondência, sem considerar questões de privacidade, transformando-se em procedimento de composição do periódico. Sendo assim, um estudo genético da segunda dentição não teria como ignorar as reverberações e a própria presença da comunicação epistolar no seu processo de criação.

Um exemplo significativo dessa prática antropofágica se verifica na edição de 19 de junho de 1929, que contém três telegramas³⁸ receptivos à revista, vindos do Rio Grande do Norte, da Bahia e de Pernambuco; uma carta de Carlos Drummond de Andrade em resposta a Oswald de Andrade³⁹, “desaderindo” à publicação; e uma carta de Ascenso Ferreira⁴⁰, junto ao seu poema “Toré”. Embora espacialmente esparsas, as correspondências mantêm conexão entre si, por se relacionarem ao modo como os condutores da revista geriam a sociabilidade ao redor dela.

Quanto aos telegramas dos novos aderentes conquistados entre outros estados do país, é evidente que seu registro entra na composição do periódico como recurso para propagandear a ampliação do movimento, o que pode ser equiparado, nesse aspecto, à estratégia editorial de empregar pseudônimos diversos em textos dos principais colaboradores, com a finalidade de criar a impressão de formar um grupo maior. Porém, naquele momento, uma maior quantidade de adeptos não significava uma rede necessariamente mais forte, já que, em geral, os laços que uniam os correspondentes eram ainda frágeis, resultantes de relações de sociabilidade circunstanciais. Dentre os remetentes dos três telegramas, o de ligação mais duradoura com Oswald de Andrade talvez fosse Joaquim Inojosa, que conhecera o grupo de *Klaxon* em fins de 1922 e passara a ser um contato comumente acionado em Pernambuco para propaganda, venda e distribuição dos volumes, quando se lançava alguma revista modernista no Sudeste. Sua mensagem telegráfica indica novo aceite (“Aguardo material fazermos ofensiva. Tudo pronto. Superabraços.”), fruto da insistência com que, desde o início do ano de 1929, os antropófagos unidos a Oswald o procuravam pelo correio⁴¹.

38 TELEGRAMAS para a antropofagia. **Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 11. Diário de S. Paulo, São Paulo, 19 jun. 1929.

39 ANDRADE, Carlos Drummond de. Cartas na mesa – os Andrades se dividem. **Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 11. Diário de S. Paulo, São Paulo, 19 jun. 1929.

40 Carta datada de 27 de maio de 1929. **Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 11. Diário de S. Paulo, São Paulo, 19 jun. 1929.

41 Cf. INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. v. 2. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy Ltda., 1968. p. 388-412.

A carta de Drummond tem um interesse particular, primeiramente porque, impressa provavelmente sem autorização do autor, ao ser “deglutida” passa a figurar também como contraponto ao ambiente a que é levada. Além disso, sua origem está atrelada à atuação dos antropófagos fora e dentro do periódico, especialmente às cartas que conclamavam o poeta a seguir o novo movimento⁴² e ao texto “Os três sargentos”⁴³, que Oswald publicara sob o pseudônimo Cabo Machado⁴⁴ na edição de 14 de abril. Este último, inclusive, compõe o material enviado pelo correio para publicação em jornais de outros estados⁴⁵, ridiculariza Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado e Yan de Almeida Prado, além de cobrar posicionamento do grupo mineiro que anteriormente havia fundado *A Revista*: “[...] os meninos de Minas precisam se decidir. Literatura será questão de amizade?”. A pergunta, que instiga a ruptura com os amigos literários alvejados no texto, é assim respondida por Drummond em sua carta: “Para mim toda a literatura não vale uma boa amizade. Mas aqui não se trata de amizade, é pura literatura.”⁴⁶. Expõe, como a razão literária para ter se convencido a participar em números da primeira dentição (e a não participar da segunda), a distância tranquilizadora então existente entre o título do periódico e sua “direção liberal”. A discussão sobre o atrelamento entre relações afetivas e intelectuais, enfatizada nesse momento por uma desagregação violenta, será reverberada também na ligação de Ascenso Ferreira com a *Revista de Antropofagia*.

A carta do poeta de “Toré” comunica seu comprazimento, com a menção que Oswald Costa, sob o pseudônimo Tamandaré, havia feito dele no segundo artigo da série “Moquém”⁴⁷. Contudo, tal atitude repercutiria negativamente entre colegas modernistas, entendida como assentimento frente ao parecer emitido no texto, de que a não influência de Mário de Andrade era uma das qualidades de Ascenso. Como forma de retratar-se, o poeta procura fazer ressalvas em uma próxima

42 Em carta cuja data é registrada como “Fim de Março 1929”, Oswald comunica a Drummond a mudança operada na *Revista de Antropofagia*, pedindo colaboração dele e dos colegas mineiros (HOLANDA, 2008, p. 95-97). É provavelmente esse o contato epistolar referido no texto “Os três sargentos”: “Sabemos que o sr. Carlos Drummond de Andrade recebeu uma carta de São Paulo [...]” (**Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 5. Diário de S. Paulo, São Paulo, 14 abr. 1929). Em 23 de abril de 1929, é de Clóvis de Gusmão que parte a convocação, dirigida a João Alphonsus e Drummond, renunciando consequências: “é preciso que vocês se definam antes que qualquer incompatibilidade do gênero esculhambação o torne impossível” (carta pertencente ao Fundo Carlos Drummond de Andrade da Fundação Casa de Rui Barbosa).

43 O título do artigo “deglute” o da narrativa que Yan de Almeida Prado havia publicado em fragmentos ao longo da primeira dentição da *Revista de Antropofagia*.

44 Outro caso de deglutição, o pseudônimo remete a poema homônimo que Mário de Andrade incluía em *Losango cáqui* (1926), focalizando um militar de gestos delicados.

45 A cópia datilografada enviada por Raul Bopp a Augusto Meyer foi preservada no acervo deste guardado na Fundação Casa de Rui Barbosa.

46 ANDRADE, C. D. de, op. cit.

47 TAMANDARÉ. Moquém II. Hors d'oeuvre. **Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 5. Diário de S. Paulo, São Paulo, 14 abr. 1929.

carta⁴⁸, dirigida a Costa, elogiando o autor de *Macunaíma* e finalizada com o pedido de que seja publicada no próprio periódico, a fim de se valer do mesmo expediente que o contrariara anteriormente. A solicitação é atendida, de fato, na edição de 19 de julho de 1929, porém, não sem que a missiva já viesse acompanhada da réplica de Costa⁴⁹, que, ao qualificá-la como uma “carta de sentimento, coisa para além da antropofagia”, nela repreende a adoção da mesma postura de Drummond, por submeter razões literárias às afetivas. A curta sobrevida da revista depois desse episódio (haveria apenas mais um número) não permite saber se o autor de *Catimbó* ainda pretendia manter sua participação, na tentativa de não romper com nenhuma das partes, ou se seria mais um a se afastar do periódico. Afinal, foi para evitar esse tipo de exposição, tornada praxe na composição, que os dissidentes fizeram uma espécie de pacto de silêncio em torno dos antropófagos, inclusive nas cartas, como estratégia para minar suas forças, não lhes dando munição para os ataques.

Nesse cenário, com a ânsia de se definir os lados da disputa, mensagens epistolares ganham letra impressa quase automaticamente no campo de batalhas, instalado em página de jornal. Faz-se evidente a relevância ampliada que elas passam a ter para a gênese dessa obra coletiva em comparação com a primeira dentição e com os periódicos modernistas antecessores. Nestes, como em qualquer revista literária, a correspondência fazia parte da estrutura de sustentação, sobretudo, pela mobilização das relações de sociabilidade, comumente marcadas por laços afetivos e afinidades estéticas e intelectuais, os quais garantiam colaboração espontânea e troca de informações sobre a vida literária – estas, fundamentais para programar ações e mensurar os avanços modernistas. A inclusão de cartas ao conjunto dos textos evidentemente não era prática estranha à edição dos volumes, apesar de menos frequente. Ainda assim, em regra, era providenciada pelos autores com a finalidade de colocar ideias em discussão, como é o caso do referido “Convite aos antropófagos” de Bandeira, ou da “Carta a Orris Barbosa”, que Ascenso Ferreira fez publicar na primeira dentição da *Revista de Antropofagia*⁵⁰, ou ainda da “Carta protesto” que Mário de Andrade dirigiu a Sérgio Milliet em *Terra Roxa e Outras Terras*⁵¹. Com a radicalização da prática à maneira antropofágica, a devoração da correspondência em público se rotiniza como processo de composição e de formação do corpo da revista, na tentativa de reproduzir o ritual tribal em que ela se inspira, baseado na apropriação das virtudes do oponente como forma de vingança e de fortalecimento.

Do ponto de vista genético, o caso das cartas publicadas interessa por indicar a fusão de sua função testemunhal à de material de composição da obra coletiva.

48 FERREIRA, Ascenso. Carta do poeta de Catimbó [datada de 2 de julho de 1929]. **Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 15. Diário de S. Paulo, São Paulo, 19 jul. 1929.

49 COSTA, Oswaldo. Resposta a Ascenso Ferreira. **Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 15. Diário de S. Paulo, São Paulo, 19 jul., 1929.

50 FERREIRA, Ascenso. Carta a Orris Barbosa. **Revista de Antropofagia**. São Paulo, ano 1, n. 6, p. 5, out. 1928.

51 ANDRADE, Mário de. Carta protesto. **Terra Roxa e Outras Terras**. São Paulo, ano 1, n. 2, p. 4, 3 fev. 1926.

No entanto, acima disso, à luz do seu uso na *Revista de Antropofagia*, é possível perceber também, com clareza, o quanto essas funções são moldadas pelo modo específico como se dão as relações entre os intelectuais participantes de um periódico, ou capturados momentaneamente por sua órbita. Assim, a deglutição da correspondência ganha sentido num contexto em que se rejeita a amizade como sustentáculo das relações literárias e se despreza, por consequência, o poder aglutinador dos laços afetivos nos contatos epistolares (e, presumivelmente, em outras formas de contato). Isso representa uma desvalorização do capital relacional conforme definido por Aron, ou um uso muito inusitado dessa capacidade de mobilização, tendo em vista que a produção de divergências também está entre os efeitos esperados pelos antropófagos.

O caso da *Revista de Antropofagia* evidencia, portanto, que a compreensão da dinâmica própria que ganham as relações de sociabilidade em torno de uma revista literária é princípio fundamental para se acompanhar o seu processo de criação, que não só reúne diferentes autores, mas também conjuga vontades e pensamentos diversos, de forma mais ou menos conflituosa. Atesta, ainda, que a correspondência, que preserva parte importante do universo multidualógico engendrado um periódico, é elemento imprescindível para o acompanhamento de seu percurso, permeado de ajustes e desajustes, sobretudo quando atua intimamente na sua constituição, seja como motor das relações que sustentam a publicação, seja como matéria que alcança a superfície da página.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Cartas na mesa – os Andrades se dividem. *Revista de Antropofagia*. 2ª denteção, n. 11. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1929.
- ANDRADE, Mário de. Carta protesto. *Terra Roxa e Outras Terras*. São Paulo, ano 1, n. 2, p. 4, 3 fev. 1926.
- ARON, Paul. Les revues littéraires : histoire et problématique. *CONTEXTES*, n. 4, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/contextes/3813>; DOI : <https://doi.org/10.4000/contextes.3813>. Acesso em: 9 ago. 2018.
- ARON, Paul; DENIS, Benoît. Introduction. Réseaux et institution faible. In: DE MARNEFFE, Daphné; DENIS, Benoît (ed.). *Les réseaux littéraires*. Bruxelles: Le Cri-CIEL-ULB-ULg, 2006. p. 7-18. Disponível em: <https://books.openedition.org/enseditions/2283>. Acesso em: 25 mar. 2023.
- BANDEIRA, Manuel. Convite aos antropófagos. *Revista de Antropofagia*. São Paulo, ano 1, n. 3, p. 3, jul. 1928.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Seleção, organização, introdução e notas Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 2007.

COSTA, Oswaldo. Resposta a Ascenso Ferreira. **Revista de Antropofagia**. 2ª denteção, n. 15. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 19 jul., 1929.

DIAZ, José-Luis. Qual genética para as correspondências? Trad. Cláudio Hiro e Maria Sílvia Ianni Barsalini. **Manuscrita**. Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 15, p. 119-162, 2007.

DONIN, Nicolas; FERRER, Daniel. Auteur(s) et acteurs de la genèse. **Genesis** (Manuscrits – Recherche – Invention). Revue Internationale de Critique Génétique. Paris: PUPS, SIGALES, n. 41, p. 7-26, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/genesis/1440>. Acesso em: 10 abr. 2023.

FERREIRA, Ascenso. Carta a Orris Barbosa. **Revista de Antropofagia**. São Paulo, ano 1, n. 6, p. 5, out. 1928.

FERREIRA, Ascenso. Carta do poeta de *Catimbó*. **Revista de Antropofagia**. 2ª denteção, n. 15. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 19 jul. 1929.

GENESIS (Manuscrits – Recherche – Invention). Revue Internationale de Critique Génétique. Paris: CCA, Jean Michel Place, n. 14, 2000. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/item_1167-5101_2000_num_14_1. Acesso em: 10 abr. 2023.

GENESIS (Manuscrits – Recherche – Invention). Revue Internationale de Critique Génétique. Paris: Imec, Jean Michel Place, n. 26, 2005. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/item_1167-5101_2005_num_26_1. Acesso em: 10 abr. 2023.

GENESIS (Manuscrits – Recherche – Invention). Revue Internationale de Critique Génétique. Paris: Jean Michel Place, n. 28, 2007. Disponível em: https://www.persee.fr/issue/item_1167-5101_2007_num_28_1. Acesso em: 10 abr. 2023.

GENESIS (Manuscrits – Recherche – Invention). Revue Internationale de Critique Génétique. Paris: PUPS, SIGALES, n. 41, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/genesis/1193>. Acesso em: 10 abr. 2023.

HOLANDA, Irene Paris Buarque de (org.). **Cartas da Biblioteca Guita e José Mindlin**. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.

INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. v. 2. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy Ltda., 1968.

LETOURNEUX, Matthieu; ROUDIER, Luce, Présentation. Pour une génétique des productions sérielles. **Genesis (Manuscrits – Recherche – Invention)**. **Revue Internationale de Critique Génétique**. Paris: PUPS, SIGALES, n. 54, 2022. Disponível em: <http://journals.openedition.org/genesis/6958>. Acesso em: 10 abr. 2023.

MACHADO, Antônio de Alcântara. Abre-alas. **Revista de Antropofagia**. São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1, maio 1928.

MACHADO, Antônio de Alcântara. **Pressão afetiva & aquecimento intelectual**: cartas de Antonio de Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto (1925-1932). Org. Cecília de Lara. São Paulo: Giordano, Lemos, EDUC, 1997.

MENEZES, Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de. **Amizade “carteadeira”**: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases. Tese (Doutorado em Literatura) – FFLCH/USP. São Paulo, 2013.

MONTEIRO, Pedro Meira (org.). **Mário de Andrade e Sérgio Buarque de Holanda**: correspondência. São Paulo: Companhia das Letras, IEB, Edusp, 2012.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). **Câmara Cascudo e Mário de Andrade**: cartas 1924-1944. São Paulo: Global, 2010.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). **Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira**. São Paulo: Edusp, IEB, 2001.

SILVA, Margaret Abdulmassih Wood da. O projeto de estudo de periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. **Revista do IEB**, São Paulo, n. 21, p. 117-122, 1979.

TAMANDARÉ. Moquém II. Hors d’oeuvre. **Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 5. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 14 abr. 1929.

TELEGRAMAS para a antropofagia. **Revista de Antropofagia**. 2ª dentição, n. 11. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1929.